

Gente de PALAVRA

revista nº 35



Adélia Einsfeldt Aline Patrícia Avelino Ferraz Antonio Miotto Arnault L. Dias Auber Fioravante Júnior Bruno Rocha Carlos Henrique Esteves Pereira Catarina Real Cláudia Gonçalves Claudinho Chandelli Cláudio Feldman Cláudio Roberto de Pinho Conceição Hyppolito Cristiana Moura Douglas Bunder Edweine Loureiro Eliana Pichinine Fabio Domingos Francisco Castro Gustavo da Cruz Júlio B. Leandro Martins de Jesus Lenilson Oliveira Lérís Seitenfus Lilian Rose M.da Rocha Lucian Araujo Luís Cláudio Delvan Luiz Otávio Oliani Madalena Ferrante Pizzatto Marcelo Rutshell Maria da Glória Jesus de Oliveira Mateus Oliveira Messias Miat Michelle Buss Nathalia Dumit Ngl Nilcéia Kremer Nina Silva Oliveira Renato de Mattos Motta Ronaldo Henrique Barbosa Junior Silvia Galli Tales Jaloretto Tommy Wine & Beer Victor Escobar Wesley José Rodrigues Pio



Michelle C. Buss

a poeta que (en)canta

Deve ser dura a vida
de uma chaleira.
Recebe água,
ferve água,
sofre com a dilatação
fogo
chama
inflama
para, depois,
esfriar sozinha
vazia.

Michelle C. Buss

(in: "Mosaicos", Pg 15. São Paulo: Patuá, 2014.)
michelle.buss@gmail.com
<http://segundapartedemim.blogspot.com/>

Autora do livro “Mosaicos” (editora Patuá, 2014) e de “Sal, topázio e mercúrio” (no prelo), Michelle C. Buss nasceu em Jaguari, Rio Grande do Sul e mora em Porto Alegre desde 2007. É graduada em Comunicação Social pela PUC-RS e atualmente cursa Bacharelado em Letras pela UFRGS. Começou a escrever poemas ainda quando criança e considera a literatura e a música como fragmentos do seu próprio ser. Participou dos cenários da música nativista do Rio Grande Sul, cantando em festivais dos dez aos vinte e dois anos, conquistando mais de cinquenta premiações. Michelle tem poesias publicadas em diversas revistas literárias e é integrante do Gente de Palavra, do coletivo Poetas do Amanhecer e da Sociedade Partenon Literário. Desde junho de 2015, divide com Renato de Mattos Motta a condução do Sarau Gente de Palavra em Porto Alegre. Atualmente realiza pesquisa literária em estudos pessoais, estudos do imaginário japonês e literatura africana. Michelle Buss é Gente de Palavra.

Orgasmos

Com palavras
rápidas

e versos
curtos

meu poema
chega a

orgasmos
múltiplos.

Victor Escobar

victorescobar.david@yahoo.com.br

Lilith

Fale o que quiser
Que ando vertendo
Minhas vontades
Destemida
Teimosa
Desista de jogar essa culpa em mim

Há tempos, acordava na madrugada
Ofegante, do nada
Plena, sobressaltada
Aquilo era um chamado
Precisava transbordar
Não dava mais para me conter

Não sou mais uma menina
Meu jeito, me descobri expansiva
Te deixa ressabiado
Mas, me desculpe
Agora, ninguém mais
Cala o meu sagrado

Nathalia Dumit

Agonia

Sinto-me enjaulado
No coração de pedra
Aquele que pouco bate
E que pouco espera

Em meus pedaços
Tudo se tornou caótico
Não tens mais amor
Só ódio

Wesley José Rodrigues Pio

wesleykurosaki@gmail.com

Aos bêbados e aos loucos

Tenho cá minhas reservas
com quem não bebe e se
mantém eternamente sóbrio.
Não digo que seja necessário
encher a cara todo dia
mas quem não bebe nem
um tiquinho de nada,
quem não se arrisca a
sair do eixo nunca,
nem que seja pra virar Batman de
vez em quando
não merece toda a minha confiança.
Posso não gostar de todos os bêbados
como não gosto de todas as pessoas,
mas os bêbados eu sei quem são...

Já dizia uma tia minha
que o álcool é santo
e tenho em mim que
o que se diz bêbado,
foi pensado sóbrio...

Douglas Bunder

www.regurgitodeideias.blogspot.com

Solidão

No canto do olho
um oceano teima
em se jogar
no abismo
da face
sem medo
ou disfarce.

Léris Seitenfus

Indelével

A idade não vem sozinha
Vizinha de chagas
Pragas que batem e voltam

A idade não dá folga
Rouba toga, melindres
Perdoa deslizos
Dá o troco em doces

A idade é generosa
Vem em prosa ou desalinho
Como vinho bom
Ou sermão de mãe nervosa

Esta menina levada
Amarrota a pele
E passa a limpo nossa ficha

Nilcéia Kremer
nilkremer@yahoo.com.br

CAFG

Sinto uma pressão, parece que mergulhei
fundo no que não sei, não posso respirar...
Motivos para sorrir, parecem não adiantar,
não sei mais o que dizer
só me resta esperar.
Saio pra dirigir,
mas não sei onde ir,
a estrada quero pegar,
sem rumo nem lugar.
Onde você vai eu quero ir,
na montanha nós vamos subir,
se você voar eu também vou, eu também vou...
Tudo vai passar.
Tudo vai melhorar.
Tudo o que eu desejar,
vai me fazer lutar.

Silvia Galli
silviapgalli@hotmail.com

Crepúsculo

Ao tilintar de sinos,
o sol fecha a sua cortina
e mancha de rubro
a linha do horizonte.
Mansamente
vai-se embora sem alvoroço
e rende-se a mais um crepúsculo.

Partem também numa revoada,
os sonhos meus.

Espero mais uma aurora.

Madalena Ferrante Pizzatto
Curitiba - Paraná
madalenaftp@yahoo.com.br

Casulo

Como uma borboleta,
Teria precisamente 24 horas para lhe procurar.
Fazer-lhe me amar, ser o meu par.
Construir um casulo,
Ter relação, viver a emoção de amá-lo eternamente.
Deixando no mundo nossa semente
Criando asas para outro dia, também amar.

Fabio Domingos
sckdomingos@gmail.com

Bolero de Ravel

Quase inaudível
um verso após o outro!

Caminho de pétalas,
folhas sonoras de outrora,
seda entalhada,
velas incandescentes
d'um silêncio ausente,
outros versos altos.

Glória aos compassos
iluminando frequências
como notas d'uma partitura
de nanquim, papiro suave
d'onde ficou solidão,
altos versos outros.

Enquanto a chuva cai,
acordes dissonantes
mesclam-se, se despem
repicando feito os tambores,
clarins a navegar, clave de sol,
alto e bom tom.

Poema por inteiro,
êxtase... Gozo!

Auber Fioravante Júnior
auberjunior1962@gmail.com



Saudade

Pingo
D'alma
De lembranças
Multicoloridas
Do afeto
Pleno e intenso
De incansáveis
Trocas
De olhares
Por vezes
Úmidos
Ou luminosos
Recheados
Com sorrisos
Trêmulos
E emocionados
Perdidos
No tempo
Da existência
E transmutados
No tempo
Da vivência.

Lilian Rose M.da Rocha
lilian24@terra.com.br

Meandro

Não será volátil a saudade que nos enternece;
as mãos isolam-se celestialmente
e acontecem cenários de luz.

As mãos, pedem-se
juntas, para ver.

Catarina Real
catarinareal_3@hotmail.com

Ao sul

Seguindo ao sul
Por lá, ver seu corpo nu.
Com o mais belo dos desejos,
Quero provar o gosto dos teus beijos.
A um abraço e um sorriso
Juntos, vamos ao paraíso.
E como um dia ensolarado
Eu serei sem dúvida o seu melhor namorado.

Lucian Araujo

lucianvieiradearaujo@hotmail.com

Rosa Rara

Você é uma rosa mais do que rara
É uma rosa negra das trevas
Sendo inconfundível sua beleza
Seduz, confunde e mata a sua presa
Alimentando-se apenas de sua tristeza

Carlos Henrique Esteves Pereira

Florianópolis - SC

Ursa Maior

Eu não tenho pedigree, trago na
tez o verme da terra pisada
do lamaçal.
No charco, eu encharco a sola das
alparcas pelos becos e vielas dos
guetos que são o
lixo reciclado da cidade
transcendental.
Espaço negro de filhos e filhas
de sangue azul.
Favela: Princesa da verdadeira
nobreza entalhada nos
palafitas no cu da metrópole
surreal.
De brancos e negros, de pardos
anêmicos e amarelos, no meu
coração favela,
tu és a Ursa Maior.

Cláudio Roberto de Pinho

São Gonçalo / RJ

Culpa & inocência

Tudo tão liso e leso
mas eu ainda prezo
meus momentos de criação
onde aflora à imaginação
os versos que fluem livres
leves, soltos e seguros
em momentos obscuros
ou repletos de Luz.
E carregando a minha cruz
vou seguindo, sorrindo
efervescente como a nascente
dum caudaloso manancial
de pensamentos e fatos
cujos últimos atos
me relegam à sobrevivência
sem culpa ou inocência.

Messias Miat

Sorocaba, SP



Despejo

Não mais vendas nos olhos
Saída pela lateral
Antes que a luz apague
Não esqueça o respeito
Que antes ali habitava.
Não há o que carregar
Só retalhos de alma
Que nunca foram um inteiro
Pedacos de coisa alguma
Embrulhados como descartáveis.
Não mais justificativas ludibriantes
Mais um varrer de olhos
Peito vazio
Seu sentir sensível no lixo
Tudo tão explícito
Se nunca teve principio
Não há fim, apenas desculpas
Dissonantes chagas de lamúria e dor.

Nina Silva

Ninasilvaproducao@gmail.com

Cisne negro

João da Cruz.

João das Dores
e de todas as Cores.

Mestre esmero
do Etéreo e do Eterno,
foste alvo da Fúria
de uma alva Literatura,
sem tropos nem fantasias.

Oh, Poeta... quem diria
que Gavita estava certa?

Pois, neste mundo sem cura,
a Loucura é o que nos resta.

Edweine Loureiro
Saitama - Japão
edweine.loureiro@gmail.com

A vida é um ponto

ora de interrogação
ora de exclamação
às vezes, de conflito
às vezes de encontro
ora de conforto
ora de confronto
às vezes, de satisfação
outras, de indignação
ponto de parada
ponto de ebulição
até que, um dia,
chega o ponto crucial
ponto de partida
ponto final
ou será mais um de interrogação?

Claudinho Chandelli
kafecomleit@hotmail.com

Poe_grafia

te vejo em pele de uva
nas flores de ontem
completo a taça

faço metáfora
o tinto de hoje

palavras tontas
percorrem estreitos
de um sol
noturno

Cláudia Gonçalves
cacaugoncalves@gmail.com



Busca

nas frestas do mundo

fogos de artifício,
serpentina,
palmas...

o que houve?
felicidade à porta
e minha porta, trancada

Luiz Otávio Oliani

Nos meus dias

No meu mundo de desassossego
As portas estão lacradas.
Quando brigo é comigo mesma
E em ninguém ponho a culpa.
Abro tênues frestas
Por onde apenas passa a luz.
Minha fome é de palavras
Que construam as sentenças
E não me preguem na cruz.

Maria da Glória Jesus de Oliveira

É ela

Quando ela passa,
Até o vento cessa,
Até cão disfarça,
Até o melhor fracassa,
Até o real vira uma farsa,
Até o corpo vira apenas massa.
Mas mesmo assim ela não pensa
Naquele que por ela faz até promessa,
Aquele que a ama como de nascença.

Mas o melhor é que quando ela passa
Até o tempo já não passa.

Ronaldo Henrique Barbosa Junior
rhbj10@hotmail.com

Grito surdo

A voz que treme
responde à mão que geme
esboça o grito
não dito
no silêncio do papel...

Conceição Hyppolito
Porto Alegre/RS

Enlace

Há um desejo de ter-te
bem próxima, quase colada,
cheia de gestos e cheiros,
de sorrisos e carícias.

Fica no ar a imagem
de tuas tépidas águas claras
roçando-se plenas de intentos
em minhas margens receptivas.

Oliveira
<https://www.facebook.com/oliver.zuluoliveira>

De cada dia

a mão
amassa
a massa,
amassa
a massa,
amassa
a massa.
já assa:
o pão

Renato de Mattos Motta
Porto Alegre, 22/07/2015

Poema preso

Há, em mim, um poema... preso.
O aprisionaram aqui quando eu ainda
[era pequeno.
Não que eu não o quisesse libertar,
eu sempre preferi os poemas soltos,
de versos abertos,
voando nas folhas em branco do céu;
eu só não sabia como libertá-lo.

Quando o aprisionaram, em mim,
garantiram-me que um poema preso
também canta todos os dias.
Mentiram.
Um poema preso não canta,
suplica.

Soltaram, os grossos nós dos dedos,
cansados da lida,
soltaram de nós.
Do poema eles nunca ouviram
[sequer um tom.

Às vezes acho, que já está morto,
se decompondo dentro de mim,

E eu, gaiola,
não consigo me abrir.

Marcelo Rutshell



Bosque

1

o sol escorre ouro
entre as folhas
o musgo aveluda
meus passos nas pedras
o sopro do silêncio
penetra os poros

2

sei apenas que meu corpo
redescobre os perfumes
e vai recolhendo do mundo
imagens há muito exiladas

3

ó cidade que oxida
até o ar da garganta!

Cláudio Feldman
Santo André - SP

Murta

ele não é pedreiro
é conheCIMENTO
que amalgama
[sentimentos

com seus desejos
seu documento é o que
[ainda sangra a dor!

a parede, caminha....
e encaixa todos os
[blocos tortos de adobe
que nos une a uma guerreira!

Antonio Miotto
antonio.miotto@yahoo.com

Valha-nos Deus

Chove Céu
Paz na terra
Hoje o frio venceu.
Move-se a água
Pelos calçadas
Já não se sabe:
Lágrima
Saliva
Chuva...
Colhe a calha
A dor que valha
O frio deste dia
Que nos restou...
Colhe na terra o que
[dos céus se derramou
Dos nossos sonhos
[de amor...
Valha-nos Deus,
Valha-nos Deus.

Cristiana Moura
Rio de Janeiro RJ



Brinde

Decidi
não
esperar
goles
de amor
Escolho
o
mar
todo
de
uma vez

Eliana Pichinine
epichinine@gmail.com

Sapucaí

Tenho de sambar pra dar conta do recado,
pra pagar as contas, obter os honorários,
pra achar as vagas, cumprir itinerários,
pra marcar e chegar no horário marcado.

Tenho de arcar com todo custo e todo peso
dos desfiles de todas as alegorias,
da beleza de todas essas fantasias,
garantir que tudo chegará lá ileso.

E eu nem tenho vaga cativa na marquês,
faço o que faço por amor e devoção
a cada folião que se fez meu freguês.

E não acontece uma vez por ano não,
eu nem posso ficar parado, é todo mês,
se não acabo sambando, perdendo a vez.

--
Júlio B.
julio612@gmail.com

Ensimesmado

A luz de meu raciocínio
ilumina meus pensares atormentados,
não possuo o dom da loucura.
Apenas a consciência em domínio,
a vislumbrar, abismos revoltados
e deste mal não tenho cura.

A bebida não me embriaga,
apenas me faz doente e tonto.
Como alérgico, sei quem me ataca,
a minha própria natureza, a chaga,
que feriu e a qual confronto
desde a longa primeira data.

Meus olhos vêem demais
e a surdez não me ronda...
Minhas réguas nas mãos, sem saída,
meço a alma que se perde entre ais,
palmeando a somar o que estronda:
A realidade trágica da vida.

Arnault L. Dias
aldias01@gmail.com

Pelas vias do poema

A minha escrita é densa.
Sou prolixo e,
Por isso,
Me pego em constante

Desavença com a pena.

Unir versos.
Por vezes, é simples.
Mas também é algo controverso.
É mergulhar a fundo

Até cair dentro de si mesmo,
Num emaranhado disperso.

Exprimir o inexprimível.
Tocar o sentimento intangível,
No meu particular universo,
Há de ser possível?

A poesia diz que sim.
Relutar com a pena,
Vai-te, sujeito, apenas.
Sofre as penas!

Anda pelas linhas tortas

Dessa escrita densa.
Até sair pelas vias do
Poema.

Bruno Rocha



Tenta(ativa)

Onde há diversidades
Nos cantos distantes das cidades
Lutamos pela sobrevivência
Tentando valer nossa existência.
Ousados, registramos nossa história,
Mas sem nenhuma glória!
Becos, quebradas: A periferia resiste sem guia.
Forçada a batalhar
Impedida de saber o que pode esperar...

Aline Patrícia Avelino Ferraz
Ribeirão Pires – SP

Brejo

Se embreitou no brejo:
Ausente de muito,
ofegante o respiro.
Corpo já seco, aridez n'alma
e o passado imperfeito,
a atormentar-lhe a mente.

Se embreitou no brejo
e cá se debate,
ainda vivo, latente!

Francisco Castro



Indecisões da existência

Este céu que não se decide
se é sol ou se é chuva.
Estas pessoas que não sabem mais
se andam ou se correm.
Estes olhos que não dizem logo
se sorriem ou se choram.
Este vento que não explica
se limpa ou se suja.
Este coração que não entende
se ama ou se dói.
Esta boca que não compreende
se fala ou se cala.
Esta memória que não me deixa a par
se lembra ou se esquece.
Estes ombros que não se resolvem
se suportam ou se cedem.
É a vida que não sabe mais
se vai ou se vem,
se fica ou se passa,
se começa ou se termina.

Gustavo da Cruz

Farelos

Finda o dia em sombras
ela caminha na hora
vazia de sonhos

bebe lágrimas
mergulha
em labirinto íntimo

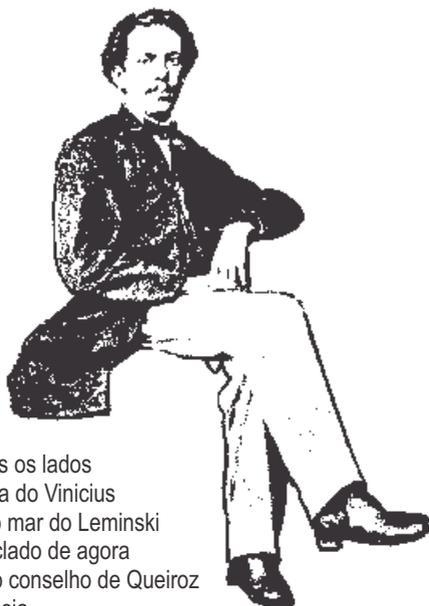
improvisa amores

pedaços de vida
se esfarelam

marcam o caminho.

Adélia Einsfeldt





Poética

O bombardeio vem de todos os lados
Da pena do Castro à música do Vinicius
Do banco do Drummond ao mar do Leminski
Da Olivetti de Cecília ao teclado de agora
Das flores de Baudelaire ao conselho de Queiroz
Que transforme dor em poesia
Ou aproveite melhor o dia
Como me mandou Horácio

Em meio a tudo isso, ainda leio Florbela
Passo no Cosme Velho para beijar o Bruxo
Ouço Chico e caetaneio
Num eterno devaneio
Com a voz de Bethânia me dizendo
Que o tempo é quem compõe meu destino

Assim, nessa colcha de retalhos
Com outras tantas nuances e cores
Me exilo em Pasárgada
E deito alegrias e dores

Lenilson Oliveira
Cajazeiras - PB



Sem ter pra pagar
O poeta no balcão de bar
Como moeda de troca
Oferece ao garçom:
– Por dez conto, uma rima.
É só poesia aceitar
E descontar o que tenho dito
O garçom responde:
– É por demais da conta
Tome aqui o troco.
Ngl.

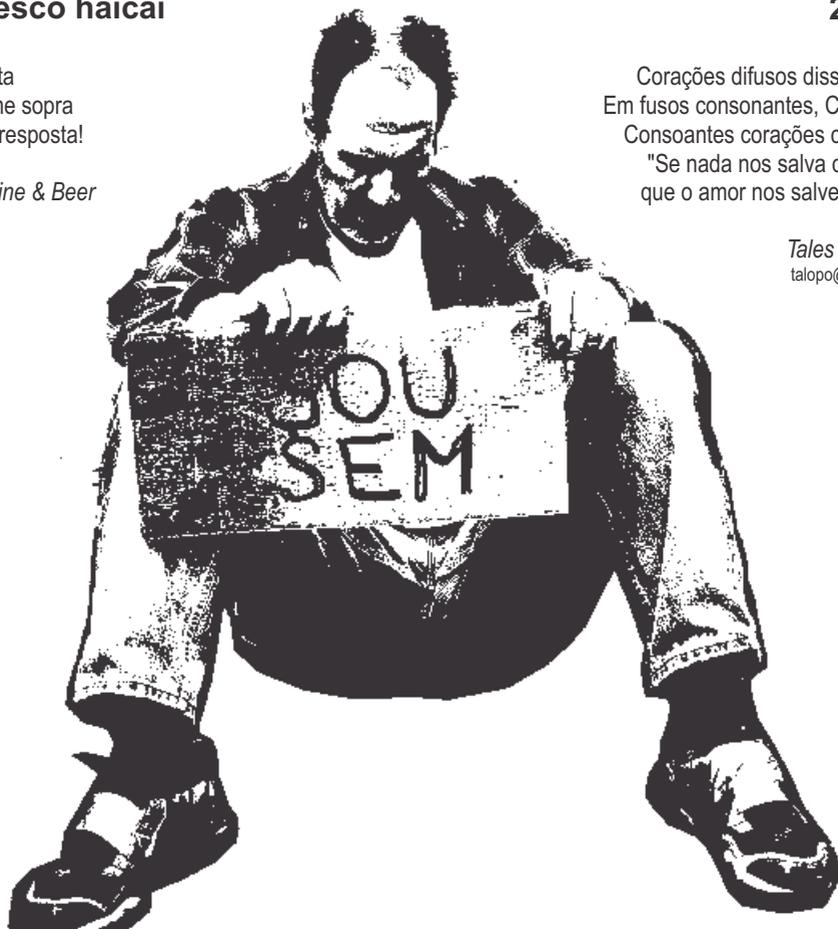
Ironia

Deitei humano, pecador, indigno,
saco vazio de concreções,
achando-me um ser condigno.
Acordo poeta, vomitador de reflexões.

Mateus Oliveira
e-mail: mateuscontroller@hotmail.com
Facebook: <https://www.facebook.com/mateus.demoura.52>

Vento idiota
que não me sopra
nenhuma resposta!

Tommy Wine & Beer



Corações difusos dissonantes.
Em fusos consonantes, Corações.
Consoantes corações confusos.
"Se nada nos salva da morte,
que o amor nos salve da vida"

Tales Jaloretto
talopo@uol.com.br

As vidas das ruas
Nem tão boas tampouco muito ruins
O encanto mágico das esquinas
Das conversas soltas nas calçadas
De transeuntes descuidados
Que pisam na história do dia a dia
Nas noites de caminhadas vadias
Nas manhãs de retorno tardio
A rua que permite o amor fugir
A rua que não diz para onde ir
Distinto ou desleixado andar
Vagaroso ou apressado caminhar
Travessa de tempos perdidos
Becos de medos sem saída.
Todas as ruas de minha vida
Nenhum endereço de meu descanso...

Luís Cláudio Delvan
delvan@cpovo.net

Indigente

Ao contemplar-me ante o espelho
vejo rosto envelhecido

Vejo a íris amarronzada
janela desconhecida.

Pele sulcada de expressão
tempos e tempos vividos

Memória por falhas apagadas
Eis mais um andarilho.

Leandro Martins de Jesus
lmartinsj@gmail.com
Itapetinga - BA



Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora
www.gentedepalavra.com.br
gentedepalavra@hotmail.com

Esta edição: 100 exemplares
Revisão: Michelle Gonçalves Hernandes
Projeto gráfico e diagramação: Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:
Diego Petrarca e Erivoneide Barros
Conselheira especial para Língua Espanhola: Lota Moncada

Porto Alegre, agosto de 2015.